**Patrícia no clube do Bolinha**

*Cristiane Perini Lucchesi*

*A corresponsável pelo banco de investimento do J.P. Morgan é a única mulher na Wall Street brasileira a chegar a tal posição*

Do alto de sapatos Christian Louboutin de saltos bem finos modelo escarpim, usando um sóbrio vestido Prada, Patricia Moraes me cobra: "Nesse perfil meu que você está fazendo, não vai escrever que eu falo palavrão, não é?" Depois, pensa melhor: "Não, não, pode dizer. Todos os meus clientes sabem que eu falo palavrão, mas é naturalmente", continua. "Fica até bonitinho entendeu?", brinca ela.

Assim é Patrícia Moraes, 42 anos, chefona no banco de investimento do J.P. Morgan no Brasil, a única mulher nesse cargo na Wall Street brasileira - desde maio de 2008 ela divide a função de corresponsável, ao lado de Daniel Darahem.

Apesar de adorar moda e comprar grifes caras e badaladas, Patrícia não ostenta. Usa poucas joias e pequenas. Tem uma elegância discreta. Seu jeito é simples, sem pretensão, gozador, desbocado e divertido. Por isso, não intimida.

"Todo mundo diz que mulher não pode chorar no trabalho, então eu nunca chorei", conta, para logo após confessar que "quase" chorou somente uma vez. "Mas eu disse para o cliente: se você falar para alguém que eu quase chorei eu te mato."

E, afinal de contas, ela não fala tanto palavrão assim. Ainda mais considerando-se que vive em um mundo tipicamente masculino. Baixinha e magrinha, com 1,59 metro e cerca de 53 quilos, a executiva é responsável por um time de 23 pessoas, das quais 22 são homens e maiores do que ela, alguns com quase 2 metros de altura.

"Essa indústria é difícil para mulher", afirma, sem cair no lugar comum feminista de criticar o machismo do mercado. Para ela, o fato de ser mulher pode até ajudar. "As pessoas acham que eu ameaço menos por ser mulher, e isso inspira uma confiança importante", diz.

Nos bancos de investimento, é comum um executivo passar um fim de semana inteiro no escritório trabalhando 12 horas por dia para ajudar um cliente a fechar negócio. Estar disponível para viajar a qualquer hora sem aviso prévio também é pré-requisito. Muitas mulheres não se dispõem ou não podem se dispor a isso. Não é o caso de Patrícia, que, apesar do nome e da estatura, não é "patricinha": ela pega pesado quando se trata de trabalho.

Na assessoria a fusões e aquisições ou na coordenação de emissões de títulos ou ações ela não fica só mandando: põe a mão na massa. "A gente tem que gostar do que faz", diz.

Patrícia "adora" não só convencer o cliente que o J.P. Morgan é o banco ideal para assessorá-lo naquela transação, o que no jargão dos banqueiros é chamado de "originação". Ela sempre que pode entra na execução do negócio, discutindo detalhes da tática e da estratégia, olhando contas, acompanhando as negociações. Patrícia não deixa de, literalmente, cair na estrada para visitar os possíveis compradores de títulos ou ações de clientes. "Eu faço 'roadshow' porque eu gosto de ouvir o investidor, sou curiosa em ver o que está acontecendo", afirma.

Ela conta que "tem um negócio que todo mundo odeia que eu amo: fazer Mid Atlantic Roadshow". Nessa visita aos investidores, os executivos do banco e da empresa que está vendendo ações ou títulos pegam uma van em Nova York às seis horas da manhã e vão na direção sul, parando em Baltimore e outras cidades nas quais há a sede de inúmeros fundos espalhados, entre os quais o BlackRock, até chegar em Washington DC. Nas vendas de ações da BM&FBovespa e da Brasil Foods, Patrícia participou dessa forma. "O pessoal acha um cão, manda o executivo mais júnior da área de vendas. Mas eu vou."

Em uma transação de aquisição, Patrícia também procura estar presente. Ela lembra de um fim de semana no qual "a gente sabia que o negócio iria ser anunciado e tentou atravessar". Patrícia, outros três executivos sêniores do J.P. Morgan e os executivos da empresa cliente chegaram no banco às 9h da manhã de sábado e saíram às 9h da noite. No domingo, o trabalho foi das 8h da manhã até 17h e na sala de Patrícia. "Eu fiquei tão cansada... Mas tem uma hora que você tem de estar presente", diz. "Mas que eu fiquei arrasada, eu fiquei, porque não vi meus queridões."

Os queridões são os dois filhos, Luiz Felipe Pratini de Moraes Barbosa (o Zutcho, Zucho, Nenemzinho), de seis anos, e Ana Carolina Pratini de Moraes Barbosa (a Cacau), de quatro anos. Além, é claro, do maridão, Pedro Barbosa, diretor da Bienal de Artes de São Paulo, que já foi executivo do mercado financeiro (Citi, ING e Bank of America) e hoje cuida dos investimentos da família, no mercado financeiro e em obras de arte.

"Se o Pedro não tivesse mais disponibilidade, eu não conseguiria dedicar as horas que dedico ao trabalho", conta, agradecida. Dizem que atrás de um grande homem sempre existe uma grande mulher. O inverso também pode ser verdadeiro. Pedro Barbosa, 45 anos, adora se dedicar à educação dos filhos - estuda com eles, ajuda na lição de casa, leva as crianças na natação. Para ele, seria "sacanagem tirar a Pati da carreira brilhante dela só porque ela é mulher."

Situações constrangedoras (e divertidas), no entanto, são frequentes na vida do casal. Certa vez Pedro Barbosa estava em Basileia, na Suíça, em visita a uma famosa feira de artes plásticas. Patrícia estava em São Paulo, assessorando a Marfrig na compra da Keystone, na correria habitual. Ela acordou e foi tomar café e viu flores lindas em sua casa. Eram rosas colombianas, com um cartão de parabéns de seu marido. Patrícia ligou para ele e indagou como sabia que a Marfrig havia concluído a aquisição. Ouviu: "Não, Pequena, hoje é dia 18 de junho, é o nosso aniversário de casamento".

Ele não pode dizer que foi enganado. Descobriu que Patrícia trabalhava bastante logo de cara. Os dois se conheceram por acaso no final dos anos 90 e justamente em uma situação na qual ela ficou até tarde no escritório e perdeu a ponte-aérea para o Rio. Ia passar a noite na casa da família - Patrícia morava em Nova York e, já no J.P. Morgan, veio para São Paulo trabalhar em uma privatização.

À procura de uma colega na casa de quem passaria a noite, acabou telefonando para um amigo que jantava com Pedro Barbosa, no Gero, na Haddock Lobo. Foi um caso de amor à primeira vista. "Depois do jantar, o Pedro nunca mais largou do meu pé", brinca. Seu coração foi efetivamente ganho quando o mancebo convidou a donzela para um show do U2 em Nova York. "Fomos em uma limosine branca bem cafona, cheia de neon roxo por dentro, daquelas em que cabe muita gente", recorda Pedro Barbosa. "Eu sou meio maluco. A Pati não conseguiria ficar com um cara muito certinho", sentencia ele.

Um ano e meio depois já estavam casados. Ela chegou a titubear, mas a mãe, Elisabeth Sales de Almeida Moraes, psicóloga, aconselhou: "Quem pensa não casa".

Formada na PUC do Rio em 89, Patrícia é economista como seu pai, o ex-ministro Marcus Vinícius Pratini de Moraes. Ela não carrega o sobrenome mais conhecido do pai, Pratini, por decisão da mãe, que tinha medo de sequestro político. Patrícia nasceu em Brasília, no auge do regime militar, em 4 de agosto de 1968, quando Pratini era chefe de gabinete do presidente Costa e Silva. "Minha mãe estudava psicologia na UNB, um foco de revolta, e ninguém sabia que ela era esposa do meu pai."

Filha mais velha de uma família de quatro irmãos, Patrícia se lembra da solidão de filha única vivendo na Península dos Ministros. Lembra dos eucaliptos e das águias, da convivência com os funcionários e, principalmente, com os seguranças que a cercavam o tempo todo. "Não põe isso no meu perfil, hein, senão eu vou parecer uma fresquinha", pede.

Patrícia foi para o Rio com cinco anos e guarda um sotaque levemente carioca. Fez balé clássico e estudou em colégio de freira - o primário foi no Teresiano, só de meninas, e o ginásio no Santo Agostinho, que só aceitava meninas no ginásio. Se considera católica. Apesar disso, acha "fascinante" Dagny Taggart, a heroína individualista, materialista e antirreligião criada pela escritora russa Ayn Rand para o bestseller Atlas Shrugged (A Revolta de Atlas, no Brasil). Dagny é uma poderosa e brilhante executiva de ferrovias nos Estados Unidos, que tenta manter seu negócio enquanto o mundo à sua volta desmorona.

Como Dagny Taggart, Patrícia costuma tomar decisões rápidas e acredita no seu feeling. "Tem de ter coragem de escolher um caminho e não o outro, tem que tomar risco, gente, senão você não evolui", comenta. "Eu vou para o pau, eu boto a minha cabeça na guilhotina, vou para as últimas consequências mesmo naquilo que eu acredito", diz. "Mas tudo é bem pensado, viu? Nada é loucura ou pirraça."

Seu primeiro emprego foi na Andersen Consulting (hoje Accenture). Patrícia era programadora de sistemas de seguro saúde e odiava seu trabalho. Foi então que o pai teve a ideia de vender um quadro de Di Cavalcanti para financiar um MBA em Finanças para a filha na Universidade de Columbia, em Nova York. Ela, acostumada com a solidão na infância, passou dos 23 anos aos 30 anos morando sozinha nos Estados Unidos. Além de ganhar conhecimento, independência e segurança, se descobriu profissionalmente.

Extremamente prática, Patrícia foi direto ao ponto: perguntou qual trabalho pagava melhor nos EUA a seu colega de MBA, o americano Norman Villarina - na época na Lehman Brothers e hoje gestor de um fundo de private equity. "Banco de investimento e consultoria", respondeu ele. Patrícia se aconselhou também com o brasileiro Luiz Muniz, que era da Salomon e atualmente é sócio global do Rothschild e responsável por suas operações no Brasil. Luiz é casado com a brasileira Cristiane Muniz, colega de Patrícia no MBA. Luiz Muniz sugeriu a área de corporate finance como a de futuro mais promissor no Brasil.

Patrícia foi também a uma consultoria e perguntou como seria possível diferenciar o trabalho de consultor e o de banqueiro de investimento. Ouviu que o consultor pensa, define estratégias, e o executivo do banco de investimento só faz. "Naquele momento, eu parei de entrevistar em consultoria", conta. "Falei: eu hein, ficar pensando. Nem morta. Eu sou fazedora, eu não sou pensadora. Eu nunca pensei em nada." Em 1994, o J.P. Morgan abriu programa de verão para trainees. Patrícia entrou e está no banco até hoje.

Foi nesse programa de trainees que Patrícia ouviu do responsável, o mexicano Juan Manuel, que hoje está no Rabobank: "Você está investindo tanto, está se dedicando tanto, é uma pena que você tenha de parar antes por causa de filho". Ela ficou atônita e encarou a declaração como um verdadeiro desafio. "Sabe quando aquele negócio fica na sua cabeça? Eu disse: vou mostrar para ele que não vou parar por causa disso." E não parou mesmo. Quando teve seus filhos, ficou em licença maternidade por 3 meses. "Não aguento ficar em casa, odeio coisa de casa, cozinha..." Quando chegou em Nova York, com 23 anos, nunca havia fritado um bife. "Comia sucrilhos no café da manhã e tostitos com cerveja de almoço e janta."

Um conselho para as mulheres que trabalham? Assumir sua feminilidade sem medo. "Tem que ser engajado. Tem que ajudar", continua ela, que é diretora financeira do Sociedade Cultura Artística e acaba de ser chamada para integrar o conselho do programa para estudos financeiros da Universidade de Columbia.

Nos momentos de descanso, Patrícia sempre lê a "Vogue" e entra no site "Style.com". "Não sou de joia, eu acho muito caro", diz. "Bolsa eu compro uma a cada ano e uso o ano todo." Gosta mais de comprar vestidos, quase sempre no exterior. "Sou capaz de gastar muito dinheiro em pouco tempo." Sua marca preferida é Lanvin, mas aprecia Prada e Marc Jacobs. Sapatos, só usa Christian Louboutin. "Se bem que eu estou achando a coleção do Jimmy Choo desta estação mais bonita." Perfumes? Usa Diptyque e Narciso Rodriguez.

Patrícia não deixa de se divertir. Adora visitar galerias de arte, museus e viajar com o marido e filhos. Também gosta de festa e quase sempre janta com amigos, colegas ou clientes. "A gente é festeiro", diz. "Mas esses programas de sair para dançar durante a semana, não dá. Senão eu não aguento."

Recentemente promoveu um chá de bebê em sua casa para Carolina Lacerda -, mulher de Ricardo Lacerda, seu colega de MBA, ex-Goldman Sachs e Citi, hoje sócio da BR Partners -, que teve seu terceiro filho. No dia seguinte Ricardo lhe mandou um e-mail: "Pati, obrigada, mas eu só não achei muito apropriado uma grávida de oito meses chegar em casa quase 4 horas da manhã". Ela respondeu: "Não enche o saco, Ricardo". E naturalmente. Ficou bonitinho.

**Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 10 nov. 2010, Finanças, p. C8.**